

estrangeiras; em 77 setores, somente um dos maiores estabelecimentos pertence a empresa estrangeira; em 34 setores, dois dos maiores pertencem a empresas estrangeiras; três dos quatro maiores, em 23 setores, pertencem a empresas estrangeiras; em 9 setores, os quatro maiores pertencem a empresas estrangeiras; era de 54% a concentração média dos setores em que três ou quatro dos maiores estabelecimentos pertencem a empresas estrangeiras; a concentração era de 37% nos setores em que um ou dois dos quatro maiores pertenciam a empresas estrangeiras; a concentração era maior em todos os setores predominado por empresas estrangeiras.¹⁸⁰ Os estudos de concentração passaram, como nos Estados Unidos, a despertar interesse e revistas especializadas, anualmente, procediam a levantamentos, do tipo daqueles que *Fortune* realiza, nos Estados Unidos. *Conjuntura Econômica*, em seu levantamento das maiores 500 empresas estabelecidas no Brasil, referente a 1971, mostrou que, pela ordem, as principais eram a Petrobrás, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo), a Light, a Volkswagen, a Embratel e a Vale do Rio Doce. Nos grandes setores industriais verificava-se o seguinte: a Volkswagen liderava as empresas de material de transporte; a General Motors liderava a indústria mecânica; a Phillips, a de material elétrico e de comunicações; a Gessy Lever, a de perfumaria; a Johnson & Johnson, a de produtos farmacêuticos; a Vulcan, a de plásticos; a Nestlé, a de alimentos; a Souza Cruz, a de fumo; a Esso, a do comércio varejista de combustíveis. Ficava constatada a concentração e a liderança de empresas estrangeiras, de dimensões multinacionais.¹⁸¹

Assim, segundo o “modelo brasileiro de desenvolvimento”, a indústria brasileira passava a constituir simples apêndice da indústria norte-americana, principalmente, ou do imperialismo, para generalizar. A deformação surgia como consequência da crise do imperialismo: “Para manter suas taxas de lucro, a indústria americana não tinha senão duas saídas: aumentar seus preços e exportar seus capitais e suas fábricas para países em que a mão-de-obra fosse barata. Os trustes americanos utilizaram as duas saídas, ao mesmo tempo: seus preços internos, a partir de 1966, aumentaram cada vez mais (mais depressa do que os salários); e a parte da produção que confiaram a filiais estrangeiras tornou-se impressionante: a parte das importações

¹⁸⁰ *Tribuna da Imprensa*, Rio, 4 de julho de 1972.

¹⁸¹ *Correio da Manhã*, Rio, 3 de agosto de 1972.